



MORFEMAS PRONOMINAIS DO TERENA (ARUÁK)

Andréa Marques Rosa(UFMS)
Claudete Cameschi de Souza (UFMS)

RESUMO: Neste artigo, descrevemos os morfemas pronominais da Língua Terena, pertencente à família Aruák, falada pelo povo terena. A pesquisa foi realizada nas comunidades Bananal e Lagoinha na região de Taunay, no município de Aquidauana/MS. Para atingir o objetivo proposto, realizou-se trabalho de campo com base em autores como Samarin (1967), Kibrik (1977) e Abbi (2001). Os dados foram analisados a partir do funcionalismo de Gívon (1984, 2001), Payne (2001) e Shopen (1992). Por fim, apresenta-se, neste texto, os morfemas pronominais da língua terena nas formas livre e presa: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, objetos, reflexivos e recíprocos.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia, descrição, pronomes

PRONOMINAL MORPHEMS OF TERENA (ARUÁK)

ABSTRACT: This article aims to describe the pronominal morphemes of the Terena language belonging to Aruák family spoken by the Terena people. The research was conducted in the communities of Bananal and Lagoinha in the Taunay area in Aquidauana city. To reach the proposed objective, the field work was based on authors like Samarin (1967), Kibrik (1977) e Abbi (2001). The data were analyzed from functionalism of Gívon (1984, 2001), Payne (2001) and Shopen (1992). Finally, presented in this paper are pronominal morphemes of the Terena language in free forms and prey forms: personal, possessives, demonstratives, indefinite, interrogative, object, reflexive and reciprocal pronouns.

KEYWORDS: Morphology, description, pronouns



Introdução

O Brasil é um país rico em diversidade linguística. Embora o português seja a língua oficial, pesquisadores, quer antropólogos quer linguistas, chegam a uma mesma conclusão: atualmente devem existir cerca de 150 línguas indígenas faladas por todo o território brasileiro, sendo, na maioria, línguas de tradição oral.

Seki (2000, p. 122) afirma que é importante realizar estudos linguísticos sobre línguas indígenas, pois esses estudos apresentam contribuições científicas e sociais. De acordo com a linguista, a maior contribuição científica está em propiciar o conhecimento da linguagem humana e da diversidade linguística, que se manifesta de forma particular e única em cada língua.

A contribuição social, de acordo com Braggio (2002, p. 4), é que o estudo das línguas indígenas pode colaborar para a formação da tradição escrita de tais línguas. Segundo a pesquisadora, esse tipo de estudo concorre para que, além da modalidade oral, destinada à interação cotidiana ou à transmissão de valores e crenças no interior de cada comunidade falante, essas línguas tenham sua modalidade escrita, que expresse a literatura indígena e transmita as leis ou normas que regem a sociedade brasileira, expressas apenas em língua portuguesa. Se a língua indígena passar a ser uma língua de tradição escrita, terá mais um motivo para continuar a existir.

No caso da língua terena, trata-se de uma língua pouco conhecida no mundo acadêmico e caracteriza-se por propriedades que não foram, até o presente, identificadas em outras línguas. A língua terena é, ainda, pouco pesquisada no que concerne às abordagens linguísticas descritivas; fato que motivou a realização de uma pesquisa sobre os aspectos morfológicos do terena, que deu origem a esse artigo, em que abordamos a morfologia pronominal do Terena.

O Terena é uma língua indígena classificada, pelos linguistas, como pertencente à família linguística Aruák, que pode ser denominada, também,

de Arawak, Maipuran ou Família Arahucana, sendo falada pela segunda maior população indígena do estado de Mato Grosso do Sul, os Terena.

Os Terena são remanescentes indígenas da população Guaná, originários da região chaquenha, atual território do Chaco Paraguai e Pantanal sul-matogrossense. Observa-se, nas comunidades dessa etnia, uma situação linguística diversificada, partindo de contextos totalmente bilíngues (terena-português), até alcançar contextos de monolinguismo em língua portuguesa.

Diante da proporção de comunidades terena localizadas no município de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul, a pesquisa que deu origem a esse artigo foi realizada nas comunidades Bananal e Lagoinha, já que possuem o maior número de falantes bilíngues e são receptivas às pesquisas e pesquisadores.

Cabe ressaltar que a maior parte das pesquisas sobre o povo terena está voltada para questões históricas, antropológicas e educacionais e poucas pesquisas são feitas na área específica de línguas (Letras/Linguística). Com referência à língua terena, há trabalhos linguísticos de natureza sociolinguística e outros de cunho descritivo. A maioria desses últimos foi desenvolvida pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL). No que concerne ao sistema pronominal do Terena, há poucas descrições, destacando-se o artigo “*Terena (arawakan) pronouns*” (EASTLACK, 1968); algumas descrições no livro “*Aprenda Terena*”, volumes I e II (EKDAHL e BUTLER, 1979); o artigo “*The nasal morpheme*” (TOURVILLE, 1991), em que é abordada a primeira pessoa do singular no Terena; e, o artigo “*The multiple functions of the definite article in terena*” (BUTLER, 2003).

Neste sentido, nosso objetivo foi realizar uma descrição dos morfemas pronominais do terena, visto que as descrições anteriores não abordam de forma aprofundada o sistema pronominal da língua. Para tal, realizamos as etapas pertinentes a uma pesquisa linguística para descrição de línguas: a pesquisa de campo e a análise dos dados coletados. Para realizar o trabalho de campo, foram necessários, inicialmente, nesta pesquisa, estudos relacionados



à prática do trabalho de campo, como a forma de intervenção do pesquisador, o perfil e características dos falantes, com base nas obras de Samarin (1967), Kibrik (1977) e Abbi (2001). Para a análise dos dados, seguiu-se a abordagem funcionalista presente nas obras de autores como Gívon (1984; 2001), Payne (2001) e Shopen (1992).

1 Pronomes do Terena

O pronome, de acordo com Kroeger (2005, p. 257), pode ter significado relacionado ao contexto ou situação do discurso, de modo que a interpretação semântica de pronomes não é fixa, mas depende muito do contexto de uso, ou seja, de quem está falando, a quem se fala, em que ocasião se fala, entre outras informações. Assim, um pronome pode remeter a pessoa, objeto, tempo e lugar no discurso.

Os pronomes podem ocorrer como formas livres ou independentes ou ainda como formas presas ou dependentes. Mattoso Câmara Jr. (1989, p. 100) afirma que “se não se dá a bifurcação fonética entre a forma presa e a livre, a distinção entre uma e outra é às vezes um problema delicado de análise linguística”. Isso se dá, segundo o autor, pelo fato de muitas formas presas de morfemas, em várias línguas, terem origem de formas livres.

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1989, p. 100), cabe fazer a diferenciação “entre morfemas que na estrutura linguística atual são vocábulos, porque dela se depreendem como formas dependentes [...], e morfemas que na estrutura linguística atual são segmentos de vocábulo, ou afixos, porque dela emergem como formas presas”.

Segundo Gívon (1984, p. 34), as formas presas tendem a ser ligadas ao verbo, ocorrendo como pronomes-sujeito ou objeto, ou aos nomes, ocorrendo como pronomes possessivos.

Na língua terena, há ocorrência de formas pronomiais livres e presas. As formas livres são os pronomes demonstrativos e indefinidos. As formas

presas são os pronomes objetos e de concordância com o objeto. Os pronomes pessoais e possessivos ocorrem com as formas livres e presas.

No caso dos pronomes pessoais e possessivos, observa-se maior ocorrência de formas presas, o que parece não estar condicionado a regras, com exceção da primeira pessoa do plural, que deve ocorrer com forma livre diante de algumas formas nominais ou verbais.

1.1 Pronomes pessoais

1.1.1 Pronomes pessoais na forma livre

As formas pronominais pessoais livres da língua terena identificadas nos dados coletados também foram identificadas, em 1968, por Eastlack. Assim, os dados coletados e analisados neste trabalho confirmam o que esse autor identificou há 42 anos, com algumas ressalvas e novas análises morfológicas, que são apresentadas no decorrer da descrição.

Eastlack (1968, p. 2) identificou as seguintes formas pronominais pessoais livres em terena: *ûndi* ‘eu’, *îti* ‘você’, *ûti* ‘nós’, e os pluralizadores, que classificou de opcionais, *-noe* e *-hiko*. Segundo o autor, “a ausência de uma forma de primeira ou segunda pessoa indica referência à terceira pessoa”. (EASTLACK, 1968, p. 2).

A língua terena, de acordo com a análise dos dados que coletamos, possui os seguintes pronomes pessoais livres: {*û^ldʒi*} ‘1sg’; {*i^ltʃi*} ‘2sg’; {*∅*} ‘3sg’; {*u^ltʃi*} ‘1pl’; {*i^ltʃi +..nɔɛ*} ‘2pl’; e, {*∅ +..hikɔ*} ‘3pl’.

Payne (2001, p. 45) afirma que pode ocorrer distinção de número em nomes e pronomes. A distinção mais comum é singular *versus* plural e a menos comum, singular, dual e plural, havendo línguas que apresentam mais distinções, porém são sistemas raros.

De acordo com Butler e Ekdahl (1979, p. 20), a língua terena possui distinção de número na primeira pessoa. Assim, podemos observar, em nossos



dados, considerando também Eastlack (1968) e a observação de Butler e Ekdahl (1979): {ũ¹dʒi} marca a primeira pessoa do singular e {u¹tʃi}, a primeira pessoa do plural.

- (01)
- | | | | |
|-------------------|----------|-------------------|----------|
| a) ũ:dʒi | ɔje:kɔ | b) u:tʃi | ɔje:kɔ |
| 1sg | cozinhar | 1pl | cozinhar |
| ‘Eu cozinho(ei)’. | | ‘Nós cozinhamos’. | |

Quanto aos pronomes de segunda e terceira pessoas do plural, Butler e Ekdahl (1979, p. 35) afirmam que ocorrem quando a marca de plural vem sufixada ao verbo, sendo {nɔɛ}, para a segunda pessoa, e {hikɔ} para a terceira pessoa, contrariando a descrição de Eastlack (1968), para quem os morfemas pluralizadores {nɔɛ} e {hikɔ} podem ocorrer tanto com o pronome de segunda pessoa quanto com o de terceira pessoa. As análises dos dados que coletamos apontaram que {nɔɛ} ocorre com pronome de segunda pessoa e {hikɔ} com pronome de terceira pessoa, ratificando as conclusões de Butler e Ekdahl (1979), conforme exemplos abaixo:

(02)

- a) i¹tʃi
- | | |
|---------------------|----------|
| ɔje ¹ kɔ | |
| 2sg | cozinhar |
| ‘Você cozinha(ou)’. | |
- b) i¹tʃi
- | | |
|---------------------|--------------|
| ɔje ¹ kɔ | ..nɔɛ |
| 2pl | cozinhar -pl |
| ‘Vocês cozinham’. | |

(03)

- a) ɔje¹kɔ
- | | |
|--------------------|--|
| 3sg/cozinhar | |
| ‘Ele cozinha(ou)’. | |
- b) ɔjekɔtʃi
- | | |
|-----------------------|-----|
| ..hikɔ | |
| 3pl/cozinhar | -pl |
| ‘Eles cozinham(ram)’. | |

1.1.2 Pronomes pessoais na forma presa



Constatamos que os pronomes pessoais que vêm afixados aos verbos terena podem ocorrer de três formas: (1) por meio de traço nasal (1Sg); (2) por mudança de qualidade da vogal na raiz verbal (2Sg) e (3) por prefixação (2Sg e 1Pl). A terceira pessoa é marcada pelo morfema zero.

Assim como os morfemas pronominais livres, as formas pronominais presas também foram identificadas e descritas por Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979), porém nossas análises diferem das anteriores em alguns aspectos que são apresentados nos itens que seguem.

1.1.2.1 Primeira pessoa do singular

Eastlack (1968, p. 3), concordando com Bendor-Samuel (1960), aponta que a primeira pessoa do singular é marcada por um N-prosódia, ou seja, é a pré-nasalização da primeira consoante oclusiva ou fricativa na palavra fonológica mais a nasalização de todas as vogais e semivogais anteriores e, se a palavra fonológica não apresentar nenhuma consoante oclusiva ou fricativa, todas as suas vogais e semivogais são nasalizadas.

Butler e Ekdahl (1979, p. 25) afirmam que qualquer palavra que faz referência à primeira pessoa do singular recebe característica de nasalização, porém não denominam a nasalização de N-prosódia. Em outras palavras, concordam com as regras descritas por Eastlack (1968) e Bendor-Samuel (1960) para explicar a formação de primeira pessoa do singular, apontando que “para formar a 1ª pessoa do singular modifica-se a forma da 3ª pessoa sg. da seguinte maneira: p > mb, t > nd, c/q > ng, h/s > nz, hh/x > nj, e nasalisa-se toda vogal e semi-vogal anterior” (BUTLER; EKDAHL, 1979, p. 25).

Piggott (*apud* TOURVILLE, 1991) afirmou que a primeira pessoa do singular em Terena é marcada por um traço [+nasal], que se organiza no segmento à esquerda da palavra e então se espalha sobre a palavra inteira até que um segmento [+sonoro] seja convertido em um segmento [+nasal].



Assim, considerando as afirmações de Bendor-Samuel (1960), Eastlack (1968), Butler e Ekdahl (1979) e Piggott (*apud* TOURVILLE, 1991), na análise dos nossos dados constatamos que a primeira pessoa do singular é realizada por um traço nasal que se espalha da esquerda para a direita na base verbal e é bloqueado por uma consoante fricativa ou oclusiva que muda sua qualidade, de surda para sonora, e é pré-nasalizada, como se verifica no exemplo (04):

(04) imɔkɔ ‘dormir’ > ɨmɔ̃^hgɔ
1sg/dormir
‘Eu durmo/dormi’.

1.1.2.2 Segunda pessoa do singular e plural

Eastlack (1968, p. 4), pautando-se em Bendor-Samuel (1960), afirma que a marcação de segunda pessoa do singular se dá por Y-prosódia: palavras iniciadas pelas vogais *a*, *o* e *u* recebem o prefixo *y*- e palavras iniciadas por consoantes e pelas vogais *i* e *e* passam pelo processo de elevação ou frontalização da vogal da primeira sílaba para formar a segunda pessoa.

Segundo Butler e Ekdahl (1979, p. 21), “para formar a segunda pessoa com consoante ou *i* inicial, muda-se a primeira vogal (menos *i*)” e, para formar a segunda pessoa de uma palavra que se inicia com vogal que não seja *i*, prefixa-se *y*- à palavra.

Nos dados coletados para esta pesquisa, constatamos as descrições de formação de segunda pessoa de Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979): a segunda pessoa do singular ocorre pelo alçamento e anteriorização da primeira vogal do item lexical verbal que se inicia por uma consoante (Exemplos 05 a, b, c, d e e) e pela prefixação do morfema {j} que ocorre em verbos iniciados por vogais (Exemplos 06 a e b). Os verbos iniciados com *i* (que apesar de ser uma vogal) não são prefixados pela semivogal {j}. Isso se explica pelo fato de essa vogal ser uma anterior alta que se assemelha à semivogal, ou glide [j], o que faz que fique transparente para o processo



fonológico, portanto o processo de marcação de segunda pessoa ocorre na segunda vogal do item lexical (exemplo 05e).

(05)

a) o > e

kojtuke ‘trabalhar’ > kejtuke
2sg/trabalhar
‘Você trabalha/trabalhou’.

b) a > e

kawane ‘vender’ > kewane peʃow
2sg/vender feijão
‘Você vende/vendeu feijão’.

c) e > i

tetuko ‘cortar’ > titukwa tʃikotʃi
2sg/cortar árvore
‘Você corta/cortou árvore’.

d) u > i

kuriko ‘jogar’ > kirikotʃi kipɔʔe
2sg/jogar futebol
‘Você esta/esteve jogando futebol’.

e) imɔko ‘dormir’ > imekɔne

2sg/dormir
‘Você dormiu’.

(06)

aruʃuko ‘morder’ > jaruʃukwa ne mɔŋga
2sg- morder det manga
‘Você morde/mordeu aquela manga’.

Identificamos em nossas análises que a segunda pessoa do plural na forma presa é marcada por processos morfofonológicos idênticos ao de segunda pessoa do singular, porém, na segunda pessoa do plural, o verbo recebe o pluralizador pronominal {nɔɛ}.

(07)

a) o > e

kojtuke ‘trabalhar’ > kejtukɛnɔɛ
2/trabalhar-pl



‘Vocês trabalham/trabalharam’.

- b) arufukɔ ‘morder’ > jarufukwɔnɔe ne mɔ̃ŋga
 2- morder -pl det manga
 ‘Vocês mordem/morderam aquela
 manga’.

1.1.2.3 Primeira pessoa do plural

No que concerne à marcação de primeira pessoa do plural, Eastlack (1968), baseando-se nas discussões de Bendor-Samuel (1960, p. 61) sobre prosódia na formação de pessoa em Terena, afirma que a primeira pessoa do plural é realizada por V-prosódia, marcada pelo prefixo *v-* para formas que têm um segmento vogal inicial. Eastlack (1968) não descreve a formação de primeira pessoa do plural em palavras que se iniciam por consoante.

Butler e Ekdahl (1979, p. 32) apresentam os mesmos resultados de Eastlack (1968), porém descrevem a formação de primeira pessoa do plural em palavras iniciadas por consoantes: nesses casos, acrescenta-se a palavra *úti* ‘nós/nosso’ após a palavra a ser marcada.

Na análise de nossos dados, constatamos que a primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema {*v-*} em bases verbais iniciadas por vogal (Exemplo 08), no entanto, quando a base verbal inicia-se com consoante, a primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema pronominal pessoal livre {*u:□□□*} (Exemplo 09).

- (08) ɔwɔ ‘morar’ > pitʃivɔku ʔke ʔ ɔwɔ
 cidade -loc 1pl- morar
 ‘Nós moramos na cidade’.

- (09) nɔ ‘plantar’ · nɔ ʔne ʔʃi peʃow
 plantar-concl 1pl feijão
 ‘Nós plantamos feijão’.

1.1.2.4 Terceira pessoa: morfema zero

A terceira pessoa, segundo Eastlack (1968, p. 5), é Zero-prosódia: a palavra não sofre alterações quando na terceira pessoa. Para Butler e Ekdahl

(1979, p. 20), seguindo o mesmo raciocínio de Eastlack (1968), “não apresentando marcador de pessoa, entende-se que uma palavra é da terceira pessoa”.

Neste trabalho, partindo da análise de nossos dados, não consideramos um verbo não marcado por pronomes pessoais como um verbo de terceira pessoa, automaticamente. Um verbo na terceira pessoa (exemplo 11) ou acompanhado de outro pronome pessoal livre (exemplo 10) possui a mesma forma, portanto não podemos dizer que, no exemplo (10), *tetukɔ* ‘cortar’ está na terceira pessoa, como podemos afirmar em (11). Assim, a terceira pessoa é marcada pelo morfema { \emptyset } (exemplos 11).

(10) *tetukɔ* *ʉʈʃi* *hiɔ* *ʉʈʃi*
cortar 1pl unha 1pl.poss
‘Nós cortamos a nossa unha’.

(11) *tetukɔ* ‘cortar’ > *tetukɔ* *hiɔ*
3sg/cortar 3sg.poss/unha
‘Ele corta/cortou a unha dele’.

1.2 Os pronomes possessivos

Os pronomes possessivos em terena, como identificado por Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979), podem manifestar-se como formas livres e presas, ambas similares às formas pronominais pessoais. Porém, as linguistas não explicaram as razões de os pronomes ocorrerem nas formas livres ou presas na língua.

A partir da análise dos dados coletados e em diálogos com os falantes da língua, identificamos que a ocorrência de formas livres ou presas está condicionada à característica morfológica aglutinante da língua terena. Em contexto de uso, o falante utilizará maior porcentagem de formas pronominais presas e menor porcentagem de formas livres. O uso fica a critério do contexto de fala, visto que uma mesma palavra pode ser usada com a forma pronominal possessiva livre ou presa, como podemos observar nos exemplos (12) e (13). A única exceção é a primeira pessoa do plural, que pode ocorrer na forma presa



apenas com bases nominais iniciadas por vogais (Exemplo 13c), e a terceira pessoa do singular, que é representada por um morfema { \emptyset } (Exemplos 12c e 13d).

(12)

Pronome livre	Pronome preso
a) $\text{ʃe:ʃa} \text{ ũ:dʒi}$ filho 1sg.poss “Meu filho”	nʒe:ʃa 1sg.poss/filho “Meu filho”
b) $\text{ʃe:ʃa} \text{ i:tʃi}$ filho 2sg.poss “Seu filho”	ʃi:ʃa 2sg.poss/filho “Seu filho”
c) --	ʃe:ʃa 3sg.poss/filho “Filho dele”
d) $\text{ʃe:ʃa} \text{ u:tʃi}$ filho 1pl.poss “nosso filho”	--

(13)

Pronome preso	Pronome livre
a) õũõŋgu 1sg.poss/casa “Minha casa”	$\text{owoku} \text{ ũ:dʃi}$ casa 1sg “Minha casa”
b) owoku 2sg.poss- casa “Sua casa”	j- $\text{owoku} \text{ i:tʃi}$ casa 2sg “Tua casa”
c) v- owoku 1pl.poss- casa “Nossa casa”	$\text{owoku} \text{ u:tʃi}$ casa 1pl.poss “Nossa casa”
d) owoku 3sg.poss/casa “Casa dele”	--

1.3 Pronomes demonstrativos/determinantes

Eastlack (1968, p. 6) identificou dois pronomes demonstrativos na língua terena, *ne* e *ra*, ocorrendo em próclise com um substantivo. Segundo o autor, os demonstrativos são pronomes clíticos; *ra* é utilizado para referir-se a objetos perto do falante e *ne* é vago em referência espacial, sendo necessário usar de advérbios para uma maior precisão de referência dessa ordem. Para Eastlack (1968, p. 6), o demonstrativo clítico também ocorre em ênclise com a forma adjetiva *enepo-*, originando adjetivos demonstrativos.

Os pronomes demonstrativos, conforme Butler e Ekdahl (1979, p. 164), são *ra* ‘este’, *ne* ‘esse/aquele’ e *neco* ‘aquele’. Segundo as linguistas, “quando qualquer dos demonstrativos que começam com *ra* ou *ne* (inclusive *neco*) ficar em posição inicial na cláusula, é obrigatório ser precedido de *enepo* ‘ênfase”’. (BUTLER; EKDAHL, 1979, p. 164).

Butler, em 2003, faz uma nova análise dos morfemas *ne*, *ra* e *neco*. Segundo a autora, *ne* trata-se de um artigo definido, enquanto “*ra* ‘este/esta’



(perto do falante espacialmente, ou de destaque no contexto do discurso) e *neko* ‘aquele/aquela’ (mais distante no tempo, ou no uso do discurso, com força demonstrativa em relação a uma referência anterior)” são considerados demonstrativos. Segundo Butler (2003, p. 3), “Considerando que *ra* tem significado lexical de *proximidade espacial* [...] e *neko* tem característica lexical de *mais afastamento no tempo* [...], *ne* não possui nenhuma dessas características lexicais, assim é, neste sentido, o membro neutro do conjunto”.

Na análise de nossos dados, identificamos os pronomes demonstrativos *ne*, *ra* e *nekɔ*, também identificados por Eastlack (1968), Butler e Ekdahl (1979) e Butler (2003). Muitas discussões têm sido realizadas sobre *ne*, *ra* e *nekɔ* no que concerne às suas funções. Butler (2003), como apontado anteriormente, considera *ne* artigo definido e *ra* e *nekɔ* pronomes demonstrativos, sendo todos determinantes, enquanto Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) consideram todos esses morfemas como pronomes demonstrativos.

Em pesquisa junto aos falantes da região de Taunay, campo desta pesquisa, evidenciou-se que, quando utilizam os morfemas *ne*, *ra* e *nekɔ*, eles estão pensando em pronome demonstrativo. Porém, na Comunidade Cachoeirinha, em Miranda/MS, ficou evidente o uso do morfema *ne* como artigo definido, sendo pronomes demonstrativos apenas os morfemas *ra* e *nekɔ*. Essa variação linguística entre comunidades terena necessita ser estudada aprofundadamente. Portanto, de acordo com as nossas análises e informações dos falantes da língua que residem na comunidade em que este trabalho foi realizado, consideramos os morfemas *ne*, *ra* e *nekɔ* pronomes demonstrativos e, como também identificado por Butler (2003), determinantes da língua terena.

Segundo Payne (2001, p. 102), “alguns lingüistas usam o termo determinante para se referir a formativos como o/a e um/a. Este termo inclui geralmente também quantificadores [...], numerais, possessivos, bem como demonstrativos”. Gívon (1984, p. 97) afirma que os determinantes são



operadores com funções e comportamento morfossintático específicos no sintagma nominal; muitos deles são morfemas gramaticais não acentuados, cliticizados sobre o substantivo ou sintagma nominal. Assim, segundo Gívon (1984, p. 97), os demonstrativos são geralmente não acentuados e cliticizados quando na função de determinantes, assemelhando-se a artigos e outros determinantes.

O pronome demonstrativo {nɛ} ‘aquele(a)’ aponta algo não visualizado pelo falante, ou seja, como afirmam Eastlack (1968) e Butler (2003), é vago em referência espacial.

- (14) vanɛʃɔ ..tʃi peʃow nɛ hojɛnɔ
comprar -durat feijão det homem
‘Aquele homem está comprando feijão’.

O pronome demonstrativo {ra} ‘este(a)’ aponta algo próximo ao falante, como definido por Butler e Ekdahl (1979, p. 164), Eastlack (1968) e Butler (2003).

- (15) tetu ..kɔ ..nɛ nəũ vaka ra seʎnɔ
cortar -t -real-concl carne vaca det mulher
‘Esta mulher cortou a carne de vaca’.

O pronome demonstrativo {nekɔ} ‘aquele(a)’ aponta algo localizado muito afastado do falante no tempo, como afirmado por Butler (2003).

- (16) vanɛʃɔ ..tʃi peʃow nekɔ hojɛnɔ
comprar -durat feijão det homem
‘Aquele homem estava comprando feijão’.

Conforme identificado por Eastlack (1968), Butler Ekdahl (1979) e Butler (2003) e constatado em nossos dados, quando o pronome demonstrativo ocorre no início da sentença, há a necessidade de usar o morfema {enɛpɔ}. Para Eastlack (1968), como mencionado no parágrafo inicial deste item, o pronome demonstrativo é um clítico que ocorre em ênclise com a forma *enepo-*, considerada pelo linguista uma forma adjetiva, originando, assim, adjetivos demonstrativos. Com relação à afirmação de Eastlack (1968), concordamos que os demonstrativos são clíticos, porém {enɛpɔ} não é uma

forma adjetiva e sim uma forma de topicalização, como afirmado por Butler e Ekdahl (1979) e Butler (2003), pois, de acordo com Foley e Van Valin (1992, p. 355), “topicalização e deslocamento à esquerda envolvem a ocorrência de um tópico externo NP seguido por uma sentença que se relaciona com ele de alguma forma”.

Assim, considerando os apontamentos de Foley e Van Valin (1992) e de acordo com a análise de nossos dados, pudemos constatar que o morfema {enɛpɔ} é marca de topicalização que deve acompanhar pronomes demonstrativos em sentenças de ordem SVO (Sujeito, Verbo, Objeto). Todas as vezes em que {enɛpɔ} aparecer na sentença, os pronomes demonstrativos serão cliticizados a tal morfema, o que se justifica por ser o terena uma língua aglutinante, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (17) a) enɛpɔ =ra hɔjɛnɔ nɔ: pe:ʃow
enf =det homem plantar feijão
‘Este homem planta/plantou feijão’.
- c) enɛpɔ =nɛ hɔjɛnɔ nɔ: pe:ʃow
enf =det homem plantar feijão
‘Aquele homem planta/plantou feijão’.
- b)
enɛpɔ =nɛkɔ hɔjɛnɔ nɔ: pe:ʃow
enf =det homem plantar feijão
‘Aquele homem planta/plantou feijão’.

1.4 Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos ocorrem com as seguintes formas morfológicas: {apɛ} ‘algum(a)/alguém’ (exemplo 18a e b) e {hew} ‘todos(as)/tudo’ (exemplos 18c e d).

(18)

- a) apɛ nɔ^l pe^lʃow
ind plantar feijão
‘Alguém está plantando feijão’.

- b) apɛ vaneʃɔ erepenɔʃi
ind comprar camisa



‘Alguém comprou a camisa’.

čhew kojɬjĩmɔ ehakɔpew ovokɥke
ind aux-durat-fut correr-2sg.obj-? cas-loc
‘Todos estarão correndo para suas casas.’

d) hew koɛ imɔkja
ind aux dormir
‘Todos dormem/dormiram.’

Cabe registrar que, como se pode observar nos exemplos acima, as formas morfológicas {apɛ} e {hew} sempre ocorrem na posição inicial na sentença caracterizada por uma ordem SVO (Sujeito Verbo Objeto), sugerindo uma “regra natural” dessa posição em uma língua em cujas sentenças predomina a ordem VOS (Verbo Objeto Sujeito). Assim, pode-se constatar que, nessa ocorrência dos pronomes indefinidos, há uma topicalização, visto que, na língua terena, a ordem SVO é topicalizadora.

1.5 Palavras que exercem a função de pronome interrogativo¹

Eastlack (1968, p. 8) identificou as seguintes palavras interrogativas: *na yé'aaye* ‘quantos’, *na* ‘onde?/quando?’, *kuti* ‘quem?’, *kuti itukóvo* ‘quem?’ e *kuti itukoa* ‘de quem?’.

Butler e Ekdahl (1979b, p. 190) identificaram, como palavras interrogativas, *na'aye* ‘quando?’ e *na* e *cuti*, que, segundo as linguistas, são usados em “perguntas que requerem resposta de informação específica, como ‘quem’, ‘por que’, ‘quando’, etc.”

Nos dados analisados, identificamos as seguintes palavras interrogativas na língua terena: *na'kɔ* ‘onde’; *na'aje* ‘quando’; *kutfi* ‘quem’; *kutfitukowo* ‘qual’; *na'jeʔaj* ‘quantos’; e, *nakutfi* ‘por que’.

¹ Optamos em denominar “*na'kɔ* ‘onde’; *na'aje* ‘quando’; *kutfi* ‘quem’; *kutfitukowo* ‘qual’; *na'jeʔaj* ‘quantos’; e, *nakutfi* ‘por que’” como palavras que exercem a função de pronomes interrogativos porque os dados coletados evidenciam dúvidas sobre a classificação dessas palavras como pronomes ou morfemas pronomiais. Há a necessidade de estudos específicos para esse caso.

A palavra interrogativa *na:kɔ* ‘onde?’ interroga espaço.

- (19) na'kɔ ne ʃoã'ũ
qu det João
‘Onde está João?’

A palavra *na'aje* ‘quando?’, também identificada por Butler e Ekdahl (1979b, p. 129), interroga tempo.

- (20) na'aje vaneʃja nakaku ne hɔjɛnɔ
qu comprar arroz det homem
‘Quando o homem compra/comprou arroz?’

Na análise de nossos dados, identificamos que a palavra interrogativa *kutʃi* ‘Quem?’ interroga sobre seres humanos, ao contrário do que afirmam Butler e Ekdahl (1979b, p. 179), para quem tal palavra “é usada para significar perguntas variadas”.

- (21) kutʃi isukwa tamuku
qu bater cachorro
‘Quem bateu no cachorro?’

A palavra interrogativa *kutʃitukowo* ‘qual?’ interroga sobre seres vivos, exceto humanos. Essa palavra foi identificada por Eastlack (1968) e grafada *kuti itukʋo* ‘quem?’, interrogando sobre seres humanos, o que não se confirma em nossas análises:

- (22) kutʃitukowo merakaja ..na
qu 2sg.poss/gato -posse
‘Qual é o seu gato?’

na'jeʔaj ‘quantos?’ interroga sobre quantidade, como também identificado por Eastlack (1968), que apresenta a palavra na forma ortográfica *na ŷlaaye* ‘quantos?’, divergindo de nossa transcrição, que considera a existência do prolongamento das vogais.

- (23) na'jeʔaj ne ʃi'ʃa



qu det 2sg.poss/filho
'Quantos filhos você tem?'

A palavra interrogativa *nakutʃi* 'por que?' interroga sobre motivos, argumentos.

(24) *nakutʃi veneʃe ..ne ra kamo*
qu 2sg/comprar -concl det cavalo
'Por que você comprou esse cavalo?'

1.6 Pronomes presos na função de objeto

A língua terena possui quatro sufixos que ocorrem ligados ao verbo na função de objeto: {nu} '1Sg.Obj'; {pi} '2Sg.Obj'; {a} '3Sg.Obj'; e, {vi} '1Pl.Obj'. Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) identificaram tais pronomes, denominando-os de sufixos objetivos.

Os pronomes presos na função de objeto podem ser observados nos exemplos a seguir, provenientes de nossos dados.

(A) morfema {nu} '1Sg.Obj'

(25) *hopi ..ʃ ..o ..nu ne ʃoãũ*
convidar -t -real -1sg.obj det João
'João me convidou'.

(B) morfema {pi} '2Sg.Obj.'

(26) *eneɾo ..ne hojeno eʃo ..k..o ..pi seɾo*
enf =det homem apresentar -t -real -2sg.obj
mulher
'O homem te apresentou a mulher'.

(C) morfema {a} '3Sg.Obj'

Identificamos que o morfema {-a}, além de ter a função de objeto na sentença (Exemplo 27), também pode funcionar como marca de concordância com o objeto (Exemplo 28).

(27) vɔ ..ʃ..o ..a ..tʃi ne həjɛnɔ
ajudar -t -real -3sg.obj -durat det homem
'O homem está ajudando-o'.

(28) vaně ..ʒ..o ..pe ..a erepenɔtʃi
1sg/comprar -t -real -2sg.obj -3sg.obj.concord camisa
'Eu comprei a camisa para você'.

(D) morfema {vi} '1Pl.Obj'

O morfema {vi} é descrito por Eastlack (1968, p. 10) e Butler e Ekdahl (1979, p. 35) como $-Vvi$, em que V representa a reduplicação da última vogal do verbo que recebe o morfema objeto. Em (29), temos alguns exemplos de Eastlack (1968); em (30), de Butler e Ekdahl (1979).

(29)

- a) pikó'ovi 'ele temia-nos'
- b) piko'óvi 'então, ele temia-nos'
- c) porésoovea 'ele deu-nos'
- d) poreisó'ovea 'então, ele deu-nos'

(30)

- a) nico'óviti 'estão nos picando'
- b) porexó'oviti 'ele nos dá'
- c) poréxoovea 'ele o deu a nós'

Em nossos dados, não identificamos a ocorrência de V apresentada pelos autores acima, portanto o morfema de primeira pessoa plural objeto é {-vi}, conforme dados coletados:

(31) ɔmɔpɔ.vi v ovo ..ku ..ke ne həjɛnɔ
trazer -1pl.obj 1pl.poss- morar -nzdor -loc det
homem
'O homem nos trouxe para nossa casa'.

1.7 Morfema reflexivo {po}



Em 1968, Eastlack classificou o sufixo {wɔ} como “própria pessoa”, o que faria desse morfema marca de reflexivo (Exemplo 32), não mencionando a ocorrência de {pɔ}. Posteriormente, em 1979b, Butler e Ekdahl descreveram {wɔ} como reflexivo, em ocorrências em que o sujeito recebe também a ação do verbo (exemplo 33) e, como passivo em uma construção passiva na qual não se pode precisar o agente da ação (exemplo 34). As autoras identificaram, também, o morfema {pɔ}, que, assim como {wɔ}, foi denominado de reflexivo ao coocorrer com este último (exemplo 35).

(32) vanésopinova ‘ele comprou-o para si mesmo’.

(33)

- a) nguipopú’icovoti ‘estou lavando a cabeça’
- b) íngorocovo ‘caí’

(34)

- a) ínati ehehépixovo ‘então se descasca’
- b) ínati imo’úxovo ‘então se espreme/aperta’

(35) issúcopovo ‘ele matou a si mesmo’

Verificamos que o sufixo {pɔ} desempenha a função de reflexivo, e sua ocorrência está relacionada aos argumentos verbais. Payne (2001, p. 198) afirma que “reflexives operations reduce the semantic valence of a transitive clause by specifying that there are not two separate entities involved (...)”. Pode-se abandonar a hipótese de manutenção da valência pelo morfema reflexivo {pɔ}, visto que o verbo quando sufixado por esse morfema, pede mais de um argumento (Exemplos 36a e b). Tal hipótese se dá quando comparado aos verbos que recebem o morfema {wɔ}, em que o verbo não pede mais que um argumento (Exemplo 37). Assim, {wɔ} indicará a não especificidade da ação sobre o indivíduo, ou seja, o que foi afetado ou com o que foi afetado.

(36)

a) tetuko ..pɔ vou iwse
cortar -refl dedo José
'José se cortou (no) dedo'.

b) ^odetuko ..pɔ ja piritaw ..ke
1sg/cortar -refl instr- faca -loc
'Eu me cortei com a faca'.

(37) tetuko ..pɔ ..wɔ iwse
cortar -refl -n.esp José
'José se cortou (a si mesmo)'.

1.8 Os morfemas {kɔ} e {gɔ} “recíprocos”

As sentenças recíprocas assemelham-se às reflexivas, visto que a ação retorna ao agente, quer apenas por ele mesmo (reflexiva), quer por ele e por outro (recíproca).

Butler e Ekdahl (1979, p. 80) identificaram o morfema {coco} como marcador de reciprocidade.

Diferentemente das missionárias, identificamos, na língua terena, dois morfemas, {kɔ} e {gɔ}, que indicam a ação recíproca. Os morfemas {kɔ} e {gɔ} são condicionados pela pessoa do discurso a que se faz referência:

{recíproco} → {kɔ} em orações cujo agente é de 3^a p.

→ {-gɔ} em orações cujo agente é de 1^ap.pl.

(38)

b) oponɔj ..kɔ ..hikɔ
3sg/abraçar -pl/rec -pl
'Eles abraçaram uns aos outros'.

d) y oponɔj ..gɔ
1pl- abraçar -1pl/rec
'Nós abraçamos uns aos outros.'

Butler e Ekdahl (1979, p. 80) descreveram que, “quando -coco segue imediatamente aos sufixos -c e -o, reduz-se para dois a soma de três co: issúco



+ -coco = issúcoco ‘bateram um no outro’”. Essa regra não se justifica na ocorrência do morfema {kɔ} identificado neste trabalho, visto que este pode coocorrer com qualquer consoante temática ou em verbos sem consoante temática, sem alterar a sua forma.

Considerações finais

Os caminhos que têm sido percorridos pelo terena para preservar sua cultura e ser respeitados como cidadãos brasileiros são a luta por uma educação escolar diferenciada, amparo legislativo e preservação da língua materna. E foi o interesse pela preservação da língua indígena terena que possibilitou a abertura de espaços para esta pesquisa linguística. Neste sentido, buscamos realizar a descrição de aspectos morfológicos da língua terena e apresentamos, neste artigo, os morfemas pronomiais da língua.

Pudemos identificar que a língua terena apresenta uma rica e complexa morfologia, em que se destacam a presença dos morfemas pronomiais nas formas livre e presa. Na forma livre, a língua apresenta os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos e palavras interrogativas. Na forma presa, há morfemas que marcam os pronomes pessoais, possessivos, objetos, reflexivo e recíprocos. Estes últimos, como consta também em pesquisas anteriores (EASTLACK, 1968; BUTLER e EKDAHL, 1979), podem ocorrer por processos morfofonológicos ou por afixos.

Os pronomes pessoais e possessivos livres {ũ:dzi} ‘1sg’; {i:tʃi} ‘2sg’ e, {u:tʃi} ‘1pl’ foram identificadas anteriormente por Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979). Em nossa pesquisa, constatamos tais morfemas pronomiais, assim como identificamos o morfema \emptyset para terceira pessoa.

Os pronomes pessoais presos foram descritos por Eastlack (1968) e por Butler e Ekdahl (1979) anteriormente, porém, em nossa análise, identificamos o morfema \emptyset para a terceira pessoa.

Em nossos dados, constatamos os pronomes demonstrativos {nɛ} ‘aquele (a)’, {ra} ‘este (a)’ e {nekɔ} ‘aquele (a)’, já identificados por Eastlack (1968), Butler e Ekdahl (1979b) e Butler (2003), e que consideramos determinantes da língua terena, concordando com Butler (2003).

Os pronomes indefinidos {apɛ} ‘algum (a)/alguém’ e {hew} ‘todos (as)/tudo’ foram identificados em nossa pesquisa.

As palavras interrogativas identificadas por Eastlack (1968) foram *na yé’aaye* ‘quantos?’, *na* ‘onde?/quando?’, *kuti itukóvo* ‘quem?’ e *kuti ituko* ‘de quem?’, e as palavras interrogativas encontradas por Butler e Ekdahl (1979b) foram *na’aye* ‘quando?’ e *na* e *cuti* para os questionamentos restantes. Em nossas análises, identificamos as palavras interrogativas *na:kɔ* ‘onde?’, *na:aje* ‘quando?’, *kutfi* ‘quem?’, *kutfitudowo* ‘qual?’, *na:je?aj* ‘quantos?’ e, *nakutfi* ‘por que?’.

Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) identificaram os pronomes-objeto da língua terena, que também constatamos em nossa pesquisa. São eles: {nu} ‘1sg.obj’; {pi} ‘2sg.obj’; {a} ‘3sg.obj’ e {vi} ‘1pl.obj’. Em nossos dados, pudemos identificar que, além de ser terceira pessoa-objeto, o morfema {a} também é pronome de concordância com o objeto, enquanto o morfema {vi} foi identificado nas pesquisas anteriores como a forma *-Vvi*, que não ocorreu neste trabalho.

Como pronome reflexivo, Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) identificaram o morfema *-wo*. Em nossos dados, o morfema reflexivo é {po}, ao passo que {wɔ} é um morfema não específico, cuja ocorrência não requer a especificidade da ação.

Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) identificaram o morfema *-koko* como recíproco. Em nossas análises, identificamos os alomorfes {kɔ}, para terceira pessoa, e {gɔ} para primeira pessoa do plural.



Diante dessa descrição, pudemos observar que muitos estudos linguísticos sobre os pronomes da língua terena ainda devem ser realizados. Portanto, estamos realizando novas análises para identificar o que ainda não foi possível descrever neste artigo.

Referências

- ABBI, A. **A Manual of Linguistic Field Work and Structures of Indian Languages**. München: Lincom-Europa. 2001.
- BENDOR-SAMUEL, J. T. Some Problems of segmentation in Terena. **Word**. 16. 1960, p. 348-345.
- BRAGGIO, S. L. B. Políticas e direitos linguísticos dos povos indígenas brasileiros. **Signótica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG**, 14, nº 1, 2002, p. 115-128.
- BUTLER, N. E. The multiple functions of the definite article in Terena. **Série Linguística, SIL**, 2003.
- BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. **Aprenda Terena**. v. I. Brasília: SIL, 1979a.
- _____. **Aprenda Terena**. v. II. Brasília: SIL, 1979b.
- EASTLACK, C. Terena (Arawakan) pronouns. **IJAL** 34: 1-8, 1968.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Information packaging in the clause. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description: clause structure**. v. I. New York: Cambridge University Press, 1992.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.
- _____. **Syntax: an introduction**. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- KIBRIK, A. E. **The Methodology of field investigations in Linguistics**. The Hague: Mouton. 1977.
- KROEGER, P. R. **Analyzing Grammar: an introduction**. New York: Cambridge University Press: 2005.



MATTOSO CÂMARA JR., J. **Princípios de Linguística Geral**. 7 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for Field linguists**. New York: Cambridge University press, 2001.

SAMARIN, W. J. **Field Linguistics: a guide to linguistic Field work**. New York, London, San Francisco: Holt, Rinehart and Winston. 1967.

SEKI, L. Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI. **Revista Impulso**. v. 12, n. 25. 2000. Disponível em: www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf Acessado em: 20/01/2010.

SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description: clause structure**. v. I. New York: Cambridge University Press, 1992.

TOURVILLE, J. The nasal morpheme of terena. In _____. **Licensig and the representation of floating nasals**. PHD, McGill. University: Canada, 1991.

Recebido em 10 de outubro de 2013.

Aprovado em 27 de janeiro de 2014.

Andréa Marques Rosa

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana (CPAQ). Mestre em Letras pela UFMS, Campus de Três Lagoas (CPTL). Desenvolve pesquisas e projetos sobre a descrição da Língua Terena e a produção de material didático em Língua, Arte e Cultura Terena. Professora da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

E-mail: andream.rosa@hotmail.com

Claudete Cameschi de Souza

Licenciada em Letras (UFMS/CPTL). Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), de Marília. É professora da UFMS/CPTL e do Programa de Pós-Graduação em Letras, stricto sensu, da UFMS/CPTL. Desenvolve pesquisas sobre questões indígenas, desde 2006, tendo projetos aprovados e desenvolvidos com recursos do CNPq e FUNDECT/MS.

E-mail: claudetecameschi@gmail.com